

CARTA DE GUIA
PARA
NOVATOS,

VIDA IMPORTANTE,
ou Chimica proveitosa,

QUE
HUM TRATANTE

ENVIA A HUM SEU AMIGO

Para cursar

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA
com grandeza na codea, e xelpa;

ESCRITA

EM FAVOR DOS PATA'OS,

E OFFERECIDA

A TODO O MOLAGEIRO,
que della se quizer aproveitar

POR

BOJAME' BERNARDINO

DE ALBUQUERQUE E FARO,

*Natural de Porto Calvo, e na Universidade de Coim-
bra Estudante na Faculdade de Leys.*



L I S B O A: MDCCLXV.

Na Offic. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.
Com todas as licenças necessarias.

CURIOSOS

LEITORES.

SE atéqui passsey a vida por estylo tal , que parece imperceptivel ao juizo humano a grandeza com que me sustentei , sem o prejuizo de hum real , que da minha bolsa esportolasse , não sey se porque alguns senhores cuidavaõ que eu necessitava , se porque alguns patáos levavaõ isso no timbre de seu brio ; aqui vos offereço nesta Carta de guia a empresa mais imperceptivel , com que podeis cangar aos patáos , comendo á sua custa cada dia , e juntamente arte , com que despersuadir a alguns tolinas , que desta fraze tambem uzarem ; porque não he justo que fiqueis logrados na propria occasiaõ , em que podeis metter a peta a algum patáo menos chimico , e ainda áquelles , que são mais prezados de eminentes ; e á bõa intençãõ , com que huns , e outros me franqueavaõ as portas de suas casas para nellas me hospedarem com tão primoroso brio , lhe rendo mil vezes as graças por tão alto beneficio ; pois he justo lhe renda tanto agradecimento , porque algum não diga que sou villaõ servido , e fugido ; e se acaso puzeres os olhos nesta Carta , entendo que nem eu ficarei sem lugar , nem vós sem proveito.

VALETE.

CAR-

XX

CARTA DE GUIA

PARA

NOVATOS.

CANTO UNICO.

ARGUMENTO.

*Escreve-se a feição dos Veteranos ,
 Não do rosto a gentil physionomia ,
 Mas como com grandeza os largos annos
 Esta possaõ cursar Academia :
 Calotes se descrevem , cujos damnos
 Disfarce cada qual por bizzarria ,
 C'o mais que cantarey neste meu canto ,
 Se a Musa me ajudar a cantar tanto.*

Suspende , ó Musa , as liquidas correntes
 Do Hippocrene crystal fonte divina ,
 Se he que te fomentaõ as enchentes
 Do sagrado furor da Cabalina :
 Suspende , que he razaõ , que os excellentes
 Rayos , com que taõ sãbia te fulmina ,
 Me dês para cantar neste transumpto
 Com divino furor meu alto asumpto.
 Suspende , pois cantar por bocas cento
 Quizera c'o favor , com que te alenta ,
 Para impresso ficar no meu talento
 O divino furor , que representa :
 Porque com este só vital alento ,
 Com que a Calabina te sustenta ,
 Poderey ser , se naõ Orpheo sonoro ,
 Suspendivo Amphiam na voz canoro.

* 2

Mas

Mas acaço se vês que o meu talento!
Empresa poderá comprehender tal,
Até da Calabina o vivo alento,
Suspende, se também tens força igual;
Porém nunca me deixes, nunca isento,
De que possa buscá-la, se mortal
Teu valor conhecer, pois só ajudado
Meu canto he que ficar póde sagrado.
Aqui tens, ó Leitor, neste meu canto,
Em que escrevo escolasticas feições,
Novo modo de vida, se por tanto
Te quizeres valer destas lições:
Observa o que te ensina; porque em quanto
Não puzeres em campo as lograções,
A'cinte hás de viver prejudicado
Com enorme lezaõ, se não roubado.
E se queres passar nesta Cidade
Estes mezes com gostos lenitivos,
Acceita, se he que tens capacidade,
Estes da minha mão doces dativos:
Acceita, que te affirmo na verdade,
Que se aprenderes taes nominativos,
Te não ha de faltar codea bastante,
Sem a torpe censura de tratante.
Bem sey que me dirás, que hoje o prudente
Está tão destro, subtil, e tão polido,
Que póde examinar asperamente
Quem for de molageiro presumido:
Se isto dizes, verdade tão patente,
Que não posso negar, e mais duvido,
Huma ponta te dou não presumida,
Com que passes alegre a triste vida.
Mas desta ponta, desta traficancia,
Que chamar-se-lhe póde calotice,
Nunca faças em publico jactancia,
Porque não te está bem tal fanchonice;

Desta

Deſta vida uſarás com petulancia ;
Porque não he de todo parvoice
Para quem com grandeza quer paſſar ,
Sem ter com que veſtir , nem que calçar.
Em primeiro lugar , não tenhas ama ,
Que te guize o comer , nem já criado ;
Que deſta gente baſta a horriſſima fama ,
Se he que ainda não eſtás de algum cangado :
Se ainda não , attende , que te exclama
De hum patão a voz prejudicado ,
Juſtiça contra eſtes formigueiros ,
Que nem ſabem ladroões ſer verdadeiros.
Pois quem jámais teve ama por ventura ,
De conſciencia tal , de fé tão liza ,
Que toda lhe não foſſe huma perjura
A' bolça , ſe no mais ſempre indeciza ?
Entendo que ninguem ; porèm procura ,
Dos patãos , a quem eſta carta aviza ,
Se he certo o que nella vou narrando ,
E acharás que não minto , nem zombando.
São ladroões forasteiros , que da eſtrada
Os roubos deixaõ , mas no apoſento
Não deixaõ de trazerem recordada
A memoria em tão torpe pensamento :
Por iſſo , deſta gente deſaſtrada
Te aconselho que vivas ſempre izento ,
Pois quizera , já que és patão baſtante ,
Que algum te não lograſſe traficante.
Da meſma ſorte o moço com a ama
Poderás comparar , mas com diviza ,
Que eſta só te rouba o que te grama ,
Aquelle d'hum vintem te tira a ſiza :
Por cuja cauſa ambos têm a fama
De não ſerem leaes , nem á camiza ,
E não tendo a ſi proprios lealdade ,
Como te podem ter fidelidade ?

Se vires que são horas de almoçar ,
Estando tu em jejum , se não em osso ,
E que em casa não tens que codear ,
O que graça não tem , e tudo he insoço :
Ordeno-te , que logo , sem tardar ,
Se algum vizinho vês que tem almoço ,
O visites sómente com tenção
De com elle remir tua vexação.

Isto ordeno , que faças cada dia ,
Porém seja com tão subtil destreza ,
Que com facilidade todavia
Ninguém possa pescar a tua pobreza :
Porque póde a algum dar na fantasia
Esportolar-se mais , com mais grandeza ,
Com motivo de ter , pelo que pensa ,
Em tua casa a mesma recompensa

Porém ancas não dês nunca a tolinas ,
Que te queiraõ pagar estas visitas ;
Porque não são visitas , são ruínas ,
Que em tua propria bolsa precipitas :
Não digas a nenhum , pois te arruinas ,
A rua , nem lugar aonde habitas ,
Que he fraze dos destros molageiros
Para dispersuadir caramboleiros.

Continúa nas horas de jantar
Em visitar qualquer , que conheceres ,
Faze o mesmo nas horas de cear ,
Que codea terás certa , se quizeres :
E se algum por acaso te hospedar ,
A porta lhe não largues , se puderes ,
Porque desle senhor primor tamanho
Augmenta a teu proveito ser teu ganho :
E se , como lá diz o antigo adagio ,
O lucro só consiste no proveito ,
Retira-te de algum , que por contagio
Te possa amolajar algum conceito :

Pois

Pois he terribilissimo o presagio,
Em que o mesmo calote acha defeito;
Isto quero dizer mais explicado,
Indo tu a lograr, e ser logrado.
Não cures de lograr nenhum filhote,
Que for daqui nativo, ou seu contorno;
Porque se lhe pregares hum calote,
Poder-te-hão pregar dous de retorno:
Algun papalvo busca, algum mamóte,
Onde possas pregar teu subtil torno;
Porém com arte tal, com tal viveza,
Que não possaõ pescar-te a tal empresa.
Procura o Portuense, ou Lisboeta,
Que vires de filhote presumido,
Que sey, que nenhum delles he forreta,
Se andares miseravel de vestido:
Mas se por destro algum te der na treta,
Que for de caloteiro presumido,
Marca esse, que te há de ser perjuro
No presente, preterito, ou futuro.
Visitarás aquelle, que for tido
D'aspecto varonil affidalgado,
Por feição levarás o seu vestido,
O teu lhe deixarás esfarrapado:
Que se elle de fidalgo he presumido,
Não póde dar-se em logro por cangado,
E para que te fação bizzarrias:
Com elles usarás de senhorias.
E bom será, que amigos tenhas nobres;
Que blasonem, que campem com dinheiros;
Nunca dando de mão áquelles pobres,
Que nem fidalgos são, nem cavalheiros;
E se a estes pedires alguns cobres,
Repara que não tenhaõ conselheiros,
Que estes taes, como tem poder paterno,
Dominio tem nas cousas de governo.

Naõ te faças soberbo na attençaõ ;
Faze tua pessoa anniquilada ;
Porque a tua escolastica feiçaõ
Bem pôde ser humilde, e respeitada :
Pois quem busca soberba adoraçaõ,
Naõ pôde ser pessoa sublimada,
Senaõ se com humilde bizarria
Da humildade fizer soberania.

Corteja o moço, e anda c'õo senhor ;
Sempre trata verdade, porque he certo,
Que quem he trapalleiro, e adulador,
Domicilio naõ tem, só no deserto :
A todos mostra agrado, e naõ terror,
Porque debes saber, que aquelle he inerto,
Que se quer sublimar a tanto ponto,
Por dar seu proprio nome ao mesmo Ponto.

Naõ faças furia, que te prejudique
A' bolsa, que tal furia he má lezaõ,
Taõ enorme, que põem qualquer a pique,
Que gasta o seu superfluo por feiçaõ :
Nem sejas taõ forreta, que se pique
Algum de que tu tens pouca attençaõ ;
Gasta fim, porém seja moderado,
Que o brio te naõ ponha em pobre estado.

Retira-te das casas, que daõ pasto
A todo o animal, que he sensitivo,
Que debes attender ao surdo gasto,
A que expõem a gente o brio altivo :
Pois hum patáõ, que nellas já fez rasto,
E teve á bolsa sua affecto esquivo,
Te recõmenda muito a retirada
Na Villa, na Cidade, e mais na estrada.

Usarás destas mesmas retiradas
Com as lójas, que forem de bebidas ;
Porque se vires francas as entradas,
Patentes naõ verás tanto as sahidas ;

Eu

Eu espero, que faças escusadas
Romarias fazer a taes ermidas;
Porque este licor do sacro Bacco
Tira o fizo, se não confunde o caco.
Nunca tenhas barbeiro, que teu for,
Visita algum amigo á quarta feira,
E á sua sombra faz por seu favor
A barba, porque o mais he pura asneira:
Se tudo o que te digo do teor,
Que esta carta te diz, não lisonjeira,
Usares, por quem sou, á fé de amigo,
Que não póde falhar-te nunca abrigo.
Mas nunca desanimes teu valor,
Huma faze farroma lisonjeira,
Para que continue este favor,
Que não seja huma vez, e a derradeira:
Usarás c'ó barbeiro algum primor
Naquillo, que tocar á vez primeira,
Que não diga, que tu, sendo estudante,
A'lem de caloteiro, és hum pingante.
Lavandeira não tenhas, que a ternura
De formosa te ostente inclinação;
Porque póde com sua formosura
Contaminar-te alguma tentação;
Huma velha terás, cuja espessura
Da morte seja transfiguração;
Porque a estas, a que a isenção te ordeno,
Acompanha Avicena, e mais Galeno.
Retira-te da ponte, que he passeio,
Que põem na bolsa sello de lesão;
Outra toma vereda, outro recreio,
Que possa dar-te mais consolação;
Que não há melhor cousa do que alheio
Fazer-te, da natural razão,
Se airoso ficar queres, ou gentil,
Sem gastar hum real, ou já seutil.

E se

E se com esta frase estás obtuso ,
Aqui outra te dou intelligencia ,
Em que te fique claro , e não confuso ,
O que podes tomar por experiencia :
Alguma namorares faze escuso ,
Por amor , que lhe tenhas , que he demencia ;
Porque debes andar ás leys conforme ,
E o contrario lesaõ passa de enorme.
Não possuas de casa alfaias tantas ,
Que te possaõ servir de algum arresto.,
E se desta lição minha te espantas ,
Nesta prática estás bem pouco presto :
Trarás de vestiduras tantas , quantas
Dizer-te possa o mundo , que andas lesto ,
Porque entaõ com a capa de pobreza
Fazer podes melhor tua destra empreza.
Não procures mezadas de teus pays ,
Se vês que pobres saõ necessitados ,
Sabe delles , e dá-lhe alguns finaes
Da vida , que cá tens nestes estados :
Se tiveres acaso alguns iguaes
A pobreza , que gozas , disfarçados
Os farás , que na aldêa , e na Cidade
Procura cada qual commodidade.
Frequenta-me as Sciencias , que he proveito ,
Que te póde servir para o futuro ;
Não passeies as ruas por respeito ,
Que tal affectação he mal perjuro :
Se tudo o que te digo no conceito
Formares , de quem sou á fé te juro ,
Que te não faltará nesta Cidade
A bonança , respeito , e gravidade.
Nunca sayas de noite ao ar sereno ,
Nem passeies senaõ se girar Phebo ,
Porque neste estatuto , que te ordeno ,
Te ensino a ser isento ao triste Erebo :

E de-

E desta forte ficas sendo ameno
Do fidaigo, do pobre, e mais do plebo,
Que he hum voz, que eu nunca tinha ouvido;
Nem a traz Bluteau, com ser bem lido.

A filhotes não tomes tal affecto,
Que contenha intrinseca amizade,
Porque destes tartais o projecto
Lograr hum homem he na realidade:
Demostra-lhes com tudo amante affecto;
Nunca uses com elles crueldade,
Que hum fraze lá diz, se he que ajustada,
Beija a mão, que desejas ver cortada.

Tambem não tenhas nunca sociedade
Com quem destes contornos for nativo,
Por quanto te convem na realidade
Saber, que desta gente o olho he vivo:
Porque póde nascer desta amizade
Affecto tão ingrato, e tão esquivo,
Que depois de alcançado o negro tédio,
Na retirada tenhas máo remedio.

Isto mesmo usarás c'os Brasileiro,
Que tem velhacaria, e muita treta,
E se vires que he filho de mineiro,
Arreda-te já delle, que he forreta:
Mas se vires que tem muito dinheiro;
Vê se podes metter-lhe sempre a peta;
Porém nunca te fies nesta gente,
Que tróva muy depressa, e de repente.

E para que não fiques tão absorto,
Sem companhia triste solitario,
Acompanha, se queres, c'os do Porto;
O Braguez arrenega, que esse he vario:
Se isto te não basta por conforto,
Já outro te darey itinerario;
Acompanha com gente de Lisboa;
Que essa menos má he do que he boa.

Serás

Serás na cortesia comedido,
Se queres ser de todos cortejado,
Porque respeito dar deves devido
A'quelle, de quem queres ser honrado:
Bem sabes que a feição tem decahido
Daquelle seu soberbo antigo estado;
Não queiras a ti proprio ser ingrato
Com investir Calouro, nem Novato.
Nunca vivas em casas de alto preço,
Aluga sempre em sitio, que for claro,
E se for solitario, te confesso,
Que isento hás de viver do odio avaro:
Com vizinhos não tenhas nunca excesso
De falla, nem conversa, porque o faro
Dos filhotes da terra, senão cólica,
He farna cavallar, e diabolica.
Companheiro não queiras ter contigo
Rico, pobre, poupado, ou perdulario,
Porque se te jurar á fé de amigo,
Como Judas te préga no calvario:
Porque lá diz hum certo adagio antigo,
Que a femea, que vive de salario,
E o que furta, ladrao, por seus peccados,
Antes se querem sós, que acompanhados.
Do Arrieiro foge, que for pote,
Se elle em velhacaria for formado,
Arremessa-lhe antes c'hum virote,
Porque nelle não he disturbio errado:
Porque deves saber, que o vil calote
Nelles anda muy destro, e muy versado,
E prezando-se todos de magnatas,
Hum corno são, se não são, pataratas.
Nunca traves razões com taes salvagens,
Porta serio com elles pela estrada,
Aliás vê-los-hás nas estalagens
Comer bellos manjares, mas tu nada:

Desta

Destá sorte obraráõ teus equipagens
Se quizerem comer bõa pescada ,
Robalo , Savel , Muge , com Tainha ,
Perú , Frango , Capaõ , e mais Gallinha.
Se algum vires andar a furta passo ,
E que serve taful de alguns progressos ,
Naõ lhe dês a torcer nunca teu braço ,
Nem contes teus miserrimos successos :
Porque verás entaõ a pouco espaço
Fazer por teu respeito mil excessos ,
Na Aldea , na Villa , e na Cidade ,
E em outra qualquer parte , que te agrade.
Conversarás quem for teu natural ,
Visinho , conhecido , ou grande amigo ,
E nunca dês paróla a Verdeal ,
Que possa vir a ser teu inimigo :
E se algum promotor te for fiscal ,
Porque já d'antes seja teu inimigo ,
Corteja esse , mas com tal attençaõ ,
Que nunca dês motivos á prizaõ.
E se acaso por negros dos peccados
Motivo deres tal , causa taõ feya ,
Com que esses Esbirros denegrados
Te puguem na enxovia da cadeya :
Naõ demores teu brio em taes estados ,
O Carcereiro logo presenteya ,
Porque só no poder do Carcereiro
He que estão as soalhas do pandeiro.
Se fores curioso de instrumentos ,
E que saibas tocá-los muy bastante ,
Procura-me nos proprios aposentos
Quem nelles vires ser mais ignorante :
Que se nelles tocares mil portentos ,
Naõ temas que te falhe algum estudante ,
Quer já seja forreta , quer benino ,
A procurar depois teu sábio ensino.

E se

E se acaso quizer algum tolinha,
 Que o enfines de graça, ou por favor,
 Nunca digas que não, sempre o ensina,
 Mas guarda para ti sempre o melhor;
 E se algum te pintar com a divina
 Pecunia, que está hoje em grão mayor,
 Com esse explanarás todo o saber,
 E tambem tudo o mais, que em casa houver.

Nunca puxes por caixa de tabaco,
 Onde vires que está grande arrayal,
 Porque há tal, que na caixa faz buraco,
 Onde póde caber o Escurial;
 Porém se acaso for tão vil, tão fraco,
 Que queiras por esturdia dar géral;
 Ora vá, mas que sejaõ mãos perdidas,
 Enche a estes tolinas as medidas.

E se vires, que algum na tua presença
 Da caixa puxa, sem que te convide,
 Mette os dedos, e toma sem licença;
Porque lo que se toma, nó se pide;
 Porém faze-lhe a mesma recompensa
 Em outra occasião, que te la pide,
 Porque póde dizer esse marão,
 Que além de perdulario, és hum patão.

Não te arrojes a briga, em que esforçado
 Te fique nella a fama de varão;
 Não queiras de valente ser prezado
 Inda que as forças tenhas de Roldão:
 Porque está conducente a teu estado
 Os valores mostrares de podão,
 Para que nenhum ousado intente
 Chamar-te a defendê-lo por valente.

Nem troves de repente amofinado
 De alguma má razão, que possaõ dar-te,
 E peyor, se for dia dominado
 Pelo forte guerreiro, e grande Marte:

Por-

Porque poderá ser tão desastrado ,
Que cheguem nelle o corpo a derrear-te ;
Quebra antes por ti , que o mais he engano ,
E desta sorte evitas qualquer damno.
Terás esta feição em qualquer parte ,
Que estiveres com credito , e com brio ;
Peço-te que não uses de outra arte ,
De outra loucura , de outro delvário :
Dos validos não fejas , de que Marte
Faz apreço , senão da espada ao fio
Tudo leva com impeto forçoso ,
Vendo que a razão te faz teimoso.
Se são queres viver , gordo , e gentil ;
Sem que possas fazer bastante gasto ,
Come bem , e barato , enche o pernil ,
E de mó , se puderes , seja o pasto :
E se engenho tiveres tão sutil ,
Tão sagaz , perspicaz , agudo , ou basto ,
Que possas fazer mais do que te aviso ,
O conselho agradece a teu juizo.
Se os quinze de Mayo á porta vires ,
Tendo feito escritura de teu nome ,
Não durmas , não socegues , nem suspires ,
Sem que poder em ti a patria tome :
E se te for preciso o existires
Nesta terra , verás que te consome
No tempo mais florido do verão
De seu povo deserto a solidão.
Despede-te das agoas do Mondego ,
De sua margem frondosa te despede ,
Pois que foy de teus olhos claro emprego
A corrente , que aos seus valles excede :
E desses olivaes , cujo socego
A mesma solidão motim impede ,
Que lembrados os dias já passados
Te irão na memoria retratados.

E par-

E partida farás á patria amada
Motivo para algum contentamento,
Pois nesta solidão despovoadá
Não póde ter allivio o teu tormento:
E se acafo leuares retratada
Alguna inclinação no pensameuto,
C'humá penna darás gloria ao suspiro,
Que retroceda o voo ao teu retiro.
E como desta ley, deste estatuto,
Que pedes, e te dou compadecido,
Entendo colherás o melhor fruto,
Que por outro não pódes ter colhido:
Quizera que não fosses tão enxuto,
Tão tyranno, cruel, tão defabrido,
Que a compra me negasses desta guia,
Que para teu proveito he gran valia.
Nesta amante viver quero esperança,
Se he que te aconselho o que te agrade,
Porque não póde haver melhor bonança,
Que vencer c'o socego a tempestade:
Não fejas outro tal, qual Sancho Pança
Sem persistencia, todo variedade,
Que, leitor, te desejo tão bom fim
Outro tal, qual desejo para mim.
Desejára em fim, ver na posteridade
Lograres da fortuna adiantamento,
Para credito dar a esta Cidade
O feliz parto de teu entendimento:
E adeos, que te guarde em toda a idade,
Para veres em ti sublime augmento,
Cujá gloria verás, mas com bonança
Sobornada ao gosto da esperança.

F I M.